

## Apresentação

Esta edição propõe a discussão das representações da experiência de viver à margem: migrâncias geoculturais, mas também ontológicas e simbólicas, políticas de marginalização e exclusão, deslocamentos e desordenamentos e, por outro lado, práticas de empoderamento e processos de aculturação e territorialização. Como evidenciado pelas análises aqui publicadas, minorias, margens e/ou mobilidades não raramente coexistem: embora deslocamentos de toda ordem aconteçam em todos os estratos sociais e culturais, o trânsito entre margem-centro é frequente entre os ex-cêntricos. Esta, não é, porém, uma migrância necessariamente empobrecedora: viver/habitar a margem, é, ainda, fazer parte do todo, mirá-lo e impor-se a ele com um olhar renovado e renovador, capaz de trazer o que foi relegado à invisibilidade a uma incômoda, mas desveladora presença.

Publica-se, inicialmente, texto de Miguel Sanches Neto e Ana Claudia Costa Fontana a respeito da representação da experiência do mulato Isaías Caminha no bem conhecido romance homônimo de Lima Barreto. O estudo visa analisar a crescente consciência do personagem acerca de sua invisibilidade, e sua compreensão de que é a cor de sua pele que a motiva; ao mesmo tempo, os autores observam como a obra deseja comprovar a não justificabilidade de exclusão com base em determinismo biológico. Em contraste, mais que denúncia acerca da discriminação, a literatura marginal brasileira contemporânea constitui-se em ato de resistência ao sistema de exclusão, tanto do ponto de vista social quanto cultural. Diego Tamagnone e Rejane Pivetta de Oliveira, em “A igualdade da lei e a diferença da literatura: a narrativa marginal de Ferréz”, demonstram, através da exposição das desigualdades inerentes às \*estruturas organizacionais do Estado, como Ferréz evidencia tais diferenças, tão presentes em

nossa sociedade apesar do princípio constitucional da igualdade universal perante a lei.

A posição marginal é ainda tratada, através de diferentes miradas e posicionalidades, nos três ensaios seguintes. Tatiana Nascimento Santos e Denise Botelho, em “Sinais de luta, sinais de triunfo” comentam a tradução da poesia negra lésbica de Cheryl Clarke; demorando-se no questionamento da invisibilização da negritude lesbiana, ressaltam a pungência dos poemas de Clarke enquanto resposta à tradição do silêncio denunciada por Gloria Anzaldúa como estratégia discursiva de um heteropatriarcado racista. Também José Raymundo Lins Jr. atém-se às representações da homoafetividade, a partir do estudo do conto “Brokeback Mountain”, de Annie Proulx, demonstrando como o discurso que representa a homoafetividade nesse conto pode tanto reforçar modelos baseados em padrões normativos resultantes da dicotomia masculino/feminino como propor rupturas a tais padrões, na compreensão de que a sexualidade humana foge ao determinismo biológico do sexo. É, ainda, a discriminação racial e de gênero que é alvo da investigação de Rudião Rafael Wisniewski em “Mulheres judias em tempos de vazio do pensamento”. A representação de Caryl Philips de duas minorias, mulheres e judeus, em *The Nature of Blood*, é analisada a partir do conceito de banalidade do mal, proposto por Hannah Arendt.

Como Alessandra Valério e Regina Coeli Machado e Silva registram, “travessias, viagens e deslocamentos constituem os fios condutores de uma parte significativa das narrativas brasileiras contemporâneas”. Nesse espírito, os ensaios que seguem atêm-se ao estudo de várias migrâncias. Valério e Silva identificam duas possíveis escalas de mobilidade, a que denominam “raízes viajantes” e “nomadismo imobilizador”, enfocando-as a partir do estudo de *Rakushisha* (2007), de Adriana Lisboa, *A chave da casa* (2008), de Tatiana Salem Levy, *O passageiro do fim do dia* (2011), de Rubens Figueiredo e *Outra vida* (2009), de Rodrigo Lacerda. As relações entre discurso, temporalidade e espacialidade também são centrais no ensaio de Davi Silva Gonçalves e Eliana de Souza Ávila, que estudam tais indicativos em *The Brothers*, tradução de John Gledson do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Os autores avaliam em que medida o texto traduzido, ao cruzar

barreiras nacionais e ingressar na esfera recepcional anglófona, converte-se em narrativa contra-hegemônica, capaz de desafiar discursos acerca de indicativos espaço-temporais institucionalizados no seio de uma tradição imperial.

Deslocamentos e identidades forjados no e a partir do colonialismo português são a tônica comum dos três ensaios seguintes. A relação localidade e discurso é central, ainda, à análise que Débora Renata de Freitas Braga e Allison Marcos Leão da Silva fazem de “A selva de Ferreira de Castro”. Os autores evidenciam como, na representação do *locus* infernal e do nativo amazônico pelo protagonista português, Alberto, permanecem resíduos do discurso colonialista português. Em “O drama de um mulato: as ‘portagens’ de João Xilim por Moçambique colonial”, Clauber Ribeiro Cruz registra as perambulações do protagonista, o mulato Xilim, estrangeiro de si mesmo em seu país, que lhe parece outro, em meio ao panorama racial e protestatório dos últimos anos pré-independência de Moçambique. Em “Mãe-pátria ou pátria-mãe: quem acolhe o timorense?”, Cíntia Shwantes e Rosilene Silva da Costa chamam a atenção para a situação do timorense, dividido entre se indentificar com Portugal, a Pátria-mãe, ou Timor-Leste, a Mãe-Pátria. Tal conflito é analisado a partir de leitura pós-colonial do primeiro livro do escritor Luis Cardoso, o romance *Portagem*.

Finalizando a seção temática, o *status* do estrangeiro, do *anómon*, o fora-da-lei que implica hospitalidade absoluta, é discutido a partir da noção de hospitalidade de Jacques Derrida; o desafio de abrir-se incondicionalmente ao outro, que invade o território e o ameaça com uma ética da diferença, é pensado a partir do personagem Mersault, de *O estrangeiro*, de Albert Camus. Segue-se outra reflexão ensaística, de autoria de Ricardo André Ferreira Martins, na qual o autor, partindo da lírica baudelairiana, e estendendo-se até o Hermann Hesse de *Demian*, sem esquecer o pensamento crítico de Walter Benjamin, propõe uma genealogia e arqueologia literária da temática dos excluídos e marginalizados na literatura moderna e contemporânea.

Uma novidade nesta edição da *Revista Língua & Literatura* é a inclusão da seção “Vária”, dedicada a ensaios que,

embora não contemplando o tema central proposto, representam significativa contribuição ao estudo de obras literárias, e/ou à relação entre a literatura e as outras artes. Marcele Pereira da Rosa Zucolotto e Tania Mara Galli Fonseca, a partir do que denominam “errância narrativa”, analisam não só como as maneiras de narrar variam de acordo com suas relações com o espaço e o tempo, mas também circunstâncias peculiares à recepção da narrativa fragmentária, especialmente a cinematográfica. Já Aldo Litaiff demora-se na análise das relações entre a narrativa mítica e as práticas sociais dos índios guarani-mbya de Santa Catarina.

Encerram o presente volume duas resenhas, “Percurso entre o real e o sonho” e “O intruso frustrado”, da autoria de Roselei Battisti e Liége Copstein, que avaliam, respectivamente, os romances *As miniaturas*, de Andréa Del Fuego, e *Infâmia*, de Ana Maria Machado.

Denise Almeida Silva<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras. Professora do Departamento de LLA da URI, Frederico Westphalen.